

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
ESCOLA BRASILEIRA DE ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA
CENTRO DE FORMAÇÃO ACADÊMICA E PESQUISA
CURSO DE MESTRADO EXECUTIVO**

**EM BUSCA DE RUPTURAS NAS PRÁTICAS
EDUCACIONAIS EM INSTITUIÇÕES DE
ENSINO SUPERIOR: UM CASO DESAFIANTE**

DISSERTAÇÃO APRESENTADA À ESCOLA BRASILEIRA DE ADMINISTRAÇÃO
PÚBLICA PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE

LUIZ ANTÔNIO DE LACERDA MACHADO

Rio de Janeiro - 2001

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
ESCOLA BRASILEIRA DE ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA
CENTRO DE FORMAÇÃO ACADÊMICA E PESQUISA
CURSO DE MESTRADO EXECUTIVO

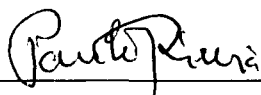
TÍTULO

EM BUSCA DE RUPTURAS NAS PRATICAS EDUCACIONAIS EM INSTITUIÇÕES DE
ENSINO SUPERIOR: UM CASO DESAFIANTE

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO APRESENTADA POR:

LUIZ ANTÔNIO DE LACERDA MACHADO

E APROVADO EM 03 / 04 / 2001.



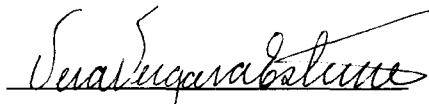
PAULO REIS VIEIRA

Dr. em Administração



PAULO ROBERTO DE MENDONÇA MOTTA

Dr. em Administração



VERA VERGARA ESTEVES

Drª. em Educação

LUIZ ANTONIO DE LACERDA MACHADO

**EM BUSCA DE RUPTURAS NAS PRÁTICAS
EDUCACIONAIS EM INSTITUIÇÕES DE ENSINO
SUPERIOR: UM CASO DESAFIANTE.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação, Mestrado Executivo da Fundação Getúlio Vargas, como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Administração, sob orientação do professor Dr. Paulo Reis Vieira.

Vitória - ES

2001

AGRADECIMENTOS

À Renata, minha mulher, pelo presente do seu amor.

Ao Prof. Paulo Reis Vieira, que me mostrou um caminho novo, inquietante e fascinante, capaz de promover profundas mudanças.

À Profª. Maria Lúcia Kopernick por sua doçura e firmeza, no trato com o fazer pedagógico.

À Profª. Rossana Mattos que prestigiou e incentivou meu mestrado desde o primeiro momento.

Ao amigo Jorge D'Ambrosio que me acompanhou nesta jornada dura.

Ao Prof. Carlos Renato Lins, dirigente da Faculdade Estácio de Sá de Vila Velha/ES, que muito contribuiu através da sua sinceridade e apoio para a realização deste trabalho.

Ao corpo Docente da Estácio de Vitória e Vila Velha que enriqueceram este trabalho através de suas opiniões.

Ao corpo discente da Estácio de Vitória e Vila Velha, alunos da 1ª. Turma de Administração Geral, Marketing e Comércio Exterior, que se dispuseram a contribuir com suas opiniões para a feitura deste trabalho.

À todos, que diretamente ou indiretamente, contribuíram e acreditaram neste trabalho.

SUMÁRIO

RESUMO	04
ABSTRACT	06
I - FORMULANDO OS PROBLEMAS E OS OBJETIVOS	08
1.1 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	12
II - O TRADICIONAL VERSUS O INOVADOR: UMA FOTOGRAFIA DO COTIDIANO ESCOLAR À GUISA DE PONTO DE PARTIDA TEÓRICO	13
2.1 - O TRADICIONAL	13
2.2 - URGÊNCIA DO DIÁLOGO	14
2.3 - O INOVADOR - A PROPOSTA DE ESTUDO	16
III - A INSPIRAÇÃO DE PAULO FREIRE: REFERENCIAL TEÓRICO DEFINITIVO	18
3.1 - O HUMANISTA	18
3.2 - A CONCEPÇÃO “BANCÁRIA” DA EDUCAÇÃO COMO INSTRUMENTO DA OPRESSÃO	21
IV - APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	23
4.1 - DIRIGENTES	23
4.2 - DOCENTES	27
4.3 - DISCENTES	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
REFERÊNCIAS	54

RESUMO

Esta dissertação pretendeu descrever e analisar algumas dimensões básicas do processo educacional em nível universitário, baseando-se no pensamento crítico de Paulo Freire.

Procurou-se responder às seguintes questões:

- a) Quais as principais dificuldades de promover o pensamento crítico no ensino do III grau
- b) Até que ponto, docentes e dirigentes de instituições de ensino superior pretendem realmente sair da metástase discursiva¹ para a ação?
- c) Educador, quando opressor e oprimido, pode cumprir o seu papel de incentivador da libertação e detectar as necessidades do ensino dialógico e pesquisador?
- d) Quais as estratégias e táticas capazes de minimizar o problema e promover realmente a mudança?

¹ Figura pela qual o orador atribui a outrem a responsabilidade do que alega.

Utilizou-se como procedimento metodológico fundamental, observação do próprio autor e entrevistas com docentes, dirigentes e alunos de uma instituição de ensino superior.

Como resultado mais visível, embora não surpreendente, surgiu a necessidade imperiosa e inadiável de mudança nas práticas pedagógicas e gerenciais para permitir que se garanta a transformação do ensino tradicional, autoritário e desatrelado da realidade, para o ensino literário humanizante.

ABSTRACT

This paper is meant to describe and analyze some basic dimensions of the educational process at college level, based on the critical thinking of Paulo Freire.

We tried to answer the following questions:

- a) What are the difficulties to promote the critical thinking for college education?
- b) To what extent faculty members and directors of universities really intend to leave the discursive metastasis ²to take action?
- c) Can the educator being the oppressor and oppressed encourage liberation and detect the needs of the dialogistic and researcher teaching?
- d) What are the strategies and approaches that can minimize the problem and promote the change?

The fundamental methodological procedure used was the observation by the author himself and interviews with faculty members, directors and students of a university.

² Figure of speech in which the orator holds somebody else responsible for what he affirms.

The most noticeable although not surprising result came from the mandatory and undelayable need for change in the pedagogical and managerial needs to allow the change from the traditional, authoritarian and unrealistic teaching to the humanistic literary teaching.

I - FORMULANDO OS PROBLEMAS E OS OBJETIVOS

Tendo-me iniciado recentemente na vida acadêmica, egresso da área empresarial, tornou-se importante observar os diálogos entre os educadores, principalmente na sala destinada aos professores, objetivando buscar, a partir de uma análise pessoal, o delineamento de uma forma de ensinar como se fosse única, verificando, mais tarde, que não se trata apenas de uma forma de ensinar, mas uma grande diversidade de possibilidades de atuação docente.

Desse ponto de partida surge o questionamento: quê tipo de educação melhor se adaptaria aos alunos do III grau para viver neste mundo complexo da globalização das economias, das comunicações e da cultura?

Um ensino engessado, repetidor, autoritário e sem compromisso com a realidade, é o que se vem discutindo desde há muitas décadas na formação acadêmica. Daí as dúvidas e a necessidade de conhecer melhor algumas dimensões básicas do processo educacional-pedagógico.

O ensino conservador necessita de ousadia para mudar e enfrentar a crise de identidade. Tem-se observado falta de coerência nas atitudes e discursos dos educadores; ausência de conexão com a realidade e principalmente comprometimento. O compromisso é próprio da existência humana. Este só existe quando se está engajado na realidade. Não se pode ser neutro. A suposta neutralidade diante do mundo reflete o medo que se tem de revelar o compromisso, (FREIRE, 1987: 15), e não muda nada, além de ser radicalmente conservadora.

Assim, pretende-se entender mais claramente a ausência do pensamento crítico e de criatividade nos jovens “despejados” anualmente no mercado de trabalho, e procurar alternativa para ruptura no ensino superior.

Tem se verificado também que cada período da humanidade apresenta diferentes características sobre as ciências, costumes e evolução. Observamos, no entanto que, quando se trata da educação os questionamentos e as dificuldades perpetuam-se no tempo, eternizam-se os mesmos conceitos antidialógicos que se extrapolam até aos dias de hoje, e tratam as dificuldades da mudança do ensino, centrando suas origens nos educandos, seja quanto ao seu comportamento, educação, estrutura familiar e outros focos discutidos em todas as esferas culturais.

Assim, pretende-se analisar algumas dessas questões sob ótica prática, buscando a fundamentação das observações no legado de Paulo Freire sobre a educação, buscando a proximidade das ações/discursos dos educadores com as propostas de Freire.

As mudanças promovidas nas escolas de III grau no Brasil, por exemplo, têm provocado questionamentos em todas as esferas da cultura, uma vez que seu resultado prático está muito afastado das necessidades de um ensino voltado aos interesses do

aluno e do próprio mercado de trabalho que, por sua vez, se esforça pela manutenção de ensino repetitivo e dominador.

A repetição dos métodos antiadialógicos de que se servem os educadores, em atuação pedagógica opressora, para dominar, é prática usual nas salas de aula, onde observamos, também, a adesão dos educandos. A adesão dos educandos, também considerados como oprimidos, a esta prática, dá-se pelo não entendimento da mesma, ou muitas vezes pela simples manipulação do educador-opressor. (FREIRE, 1987).

Por outro lado, o mercado globalizado tem manifestado tendência cada vez maior à macro e centralização econômica, havendo, portanto, visível contraste com a fragmentação e especialização até agora dominantes no campo do conhecimento.

Tudo isso conduz à necessidade de se reinventarem formas inovadoras de ensino e entender a realidade dos estudantes, na maioria das vezes muito distante da dos mestres, que freqüentemente pretendem impor sua própria experiência.

Partindo do pressuposto que existem entendimentos, dificuldades e resistências ao ensino libertador, conforme a visão de Paulo Freire, até que ponto o sincretismo³ dos educadores permite promover a mudança necessária para obtenção de melhor qualidade no ensino?

Analisados sob os aspectos da aplicabilidade do diálogo, da práxis e da tomada de consciência dos educadores, pressupõe-se, com grande probabilidade de acerto, que o trabalho educacional e o processo ensino-aprendizagem atual, ao invés de favorecer a mudança, tende a obstruir a capacidade criadora do homem para percepção e

³ Tendência à unificação de idéias ou de doutrinas diversificadas e, por vezes, até mesmo inconciliáveis. Também considerada como a fusão de elementos culturais diferentes, ou até antagônicos, em um só elemento, continuando perceptíveis alguns sinais originários.

transformação necessária da realidade social.

Passa constituir, portanto, o objetivo geral deste estudo: identificar e analisar os principais fatores que possam influenciar na mudança do ensino de III grau diante do conservadorismo de pensamento existente. Pretendemos abordar o problema sob dois aspectos que consideramos relevantes:

- 1) A instituição de ensino como facilitadora e incentivadora de mudanças;
- 2) A formação acadêmica e profissional dos professores, sua resistência à mudanças, dialogicidade, aperfeiçoamento e utilização de novas tecnologias no ensino, e também de sua capacidade de promover mudanças.

As questões a investigar são:

1. Quais as dificuldades de promover o pensamento crítico no ensino do III grau?
2. Até que ponto, docentes e dirigentes de instituições de ensino superior pretendem realmente sair da metástase discursiva⁴ para a ação?
3. O educador, quando opressor e oprimido, pode cumprir o seu papel de incentivador da libertação e detectar as necessidades do ensino dialógico e pesquisador?
4. Quais as estratégias e táticas capazes de minimizar o problema e promover realmente a mudança?

⁴ Figura pela qual o orador atribui a outrem a responsabilidade do que alega.

1.1 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Visando a identificar as rupturas nas práticas educacionais, o reconhecimento e análise dos principais fatores que influenciam a manutenção do conservadorismo da ação pedagógica são circunscritas à instituição de ensino de III grau onde lecionamos. Por se tratar de uma observação participante, as distorções podem ocorrer em função da particularidade do caso.

Trata-se de estudo descritivo com ênfase na análise qualitativa dos resultados obtidos na pesquisa de campo.

A pesquisa foi realizada por meio de amostra acidental, já que impossibilitou qualquer critério probabilístico devido ao final do ano letivo.

Além da observação, utilizou-se a entrevista a que se submeteram educadores, alunos e dirigentes.

II - O TRADICIONAL VERSUS O INOVADOR: UMA FOTOGRAFIA DO COTIDIANO ESCOLAR À GUISA DE PONTO DE PARTIDA TEÓRICO

2.1 - O TRADICIONAL

Existe tendência a se pensar de que o ensino do III Grau necessita de mudanças, já que o processo educacional não é estático e passa por evoluções constantes para se adaptar ao contexto social.

O ensino tradicional tem mantido um modelo perverso de escola cada vez mais afastada do aluno, com professores mal formados ou, quando bem formados totalmente desconectados da realidade do discente.

Basta olhar-se à volta para encontrar-se situações freqüentes em que professores mantêm em suas aulas um monólogo seco e rudimentar impondo o seu conhecimento de forma imutável, incompreensível, muitas vezes defasado e desnecessário para a maioria

dos alunos e da realidade do mercado. Seu mundo é totalmente diferente do mundo do aluno, e a relação docente-discente conserva-se dicotomizada sem a interação indispensável ao êxito do processo ensino-aprendizado.

Dificulta o ensino inovador-libertador o desconhecimento quanto ao ambiente familiar do educando, por vezes constituído de pais violentos, doentes, que não receberam amor, desconhecem a formação cidadã, respeitosa, sem a mínima idéia de coletividade e na maioria dos casos ausentes na formação do jovem.

Pode-se então questionar-se se o próprio educador tem consciência de ter passado por ambientes ou situações idênticas, pois se não a tem, evidentemente continuará replicando as distorções citadas, também, absorvidas por ele.

Essa fotografia enegrece quando se vêem crianças formadas por vídeo games, babás e creches despreparadas chegarem à adolescência e fase adulta apresentando um vazio nos seus objetivos e metas, e sem valores fundamentais para a continuação crescimento.

O retrato até aqui traçado mantém as cores sombrias reforçadas através das práticas pedagógicas tradicionais, já que com grande frequência, o papel do educador tem sido o de manter a situação opressora.

2.2 - URGÊNCIA DO DIÁLOGO

A tradição pedagógica insiste em limitar o ensino à sala de aula, despejando conceitos e teorias, indiscriminadamente, ação tratada por Freire, (FREIRE, 1987), como concepção bancária da educação. Os diálogos, quando existentes, tendem a se

tornar apenas fragmentos, desvinculados do mundo, pois são diálogos ingênuos limitados à replicação da realidade do educador.

Na verdade nesta postura não existe diálogo, embora se utilize à exaustão, o sistema de interação de através de perguntas, às quais os alunos devem apresentar respostas. Tal procedimento não caracteriza o diálogo. As perguntas de que são partes nas aulas tradicionais caracterizam-se pela elicitación, ou seja, perguntas que exigem respostas pré-determinadas pelo próprio contexto de ensino, que não estimulam a busca criativa de respostas mas, antes, exigem a repetição da informação já trabalhada.

Esse pseudodiálogo na maioria das vezes pretende tão somente impingir aos educandos a replicação servil de uma cultura, que produz uma sociedade alienada, pois “quando o ser humano pretende imitar a outrem, já não é mais ele mesmo”. (FREIRE, 1987). Por esse procedimento ensina-se antes, o não-pensar, a acomodação. O pensamento que deveria libertar, torna-se mecanismo de negação de identidade, de cópia do que já foi feito ou dito. Como inovar num cenário em que todas as possibilidades conduzem à determinação externa, à reprodução de modelos, à anulação da criatividade, à negação de trocas comunicativas, principal via de produção de conhecimento?

Entendemos a necessidade de um diálogo provocador, inquietante, que promova conscientização e cidadania. Há que promover uma profunda mudança social, e o papel do educador, como vem sendo desempenhado na sala de aula, hoje, é incapaz de promover essa libertação, porque a pedagogia libertadora sustenta uma abordagem centrada no aluno, enfatizando e valorizando a discussão, o diálogo, a comunicação, respeitando o conhecimento do aluno e sua capacidade para assumir sua própria aprendizagem.

A incapacidade do educador em promover o diálogo libertador origina-se no fato de o próprio educador poder ter tido uma educação replicadora, autoritária, sem liberdade de expressão, com diálogos limitados também ao discurso anti-dialógico dos seus mestres.

Os debates e seminários permanecem, dentro da escola, isolados dos problemas reais e longe das decisões políticas, quando poderiam estar interagindo com todas as camadas sociais, econômicas e culturais, promovendo, assim, o crescimento individual e coletivo do educando e do educador.

Essa reflexão nos indica, talvez, o caminho da superação do modelo educacional que tem se revelado profundamente contrário às necessidades educacionais da nossa sociedade

2.3 - O INOVADOR - A PROPOSTA DE ESTUDO

O educador inovador entende e está preparado para o cenário atual que exige um aperfeiçoamento constante face às novas tecnologias e ao comportamento, tanto empresarial quanto do indivíduo como cidadão. Isso implica mudanças que requerem, ousadia, espírito empreendedor e fé inabalável na força da educação, que é a única forma de promover mudanças sociais, culturais e econômicas, além de freqüente aperfeiçoamento profissional e constante reavaliação dos seus próprios conceitos interiores, que quando não ocorre impossibilita qualquer crescimento ou mudança. O fundamental para a promoção da mudança é o entendimento da educação como pilar

principal no processo de despertar para a consciência crítica, quando o opressor reconhece, também, sua própria dignidade.

Por outro lado, o espírito empreendedor, a ousadia e a autonomia necessárias para promover e provocar as mudanças na relação educador/educando, na maioria das vezes, nem sempre são facilitadas ou permitidas pelas instituições de ensino, que, por sua vez, são engessadas por órgãos governamentais, quando não pelo temor, também, da mudança.

Também os interesses e o pensamento do próprio educador que se preserva da contestação do ensino atual, porque gera uma marginalização no meio acadêmico ou mesmo o desemprego, dificultam a inovação na atividade pedagógica. Ele deixa de agir para transformar em troca da estabilidade, o caracteriza o medo.

O educador-inovador é responsável pela promoção da consciência crítica do educando, que significa a consciência desafiadora e transformadora imprescindível ao diálogo crítico, à fala e à convivência com as diferenças sociais e raciais, e a produção de conhecimento. Ele volta-se além do que almeja educar para transformar. O educando passa a ser agente de mudança em potencial, capaz de ir além do simples entendimento e interpretação da realidade, para nela intervir com suas competências, habilidades e comportamento.

Essas considerações decorrem da própria vivência do autor em sala de aula e das falas obtidas durante a pesquisa, conforme se apresentarão em capítulo oportuno.

Falta então, agora, a busca de referencial teórico em que, o que se disse até esse momento, algo intuitivamente possa encontrar respaldo convincente. Daí, a contribuição de Paulo Freire como fonte inspiradora de todo o trabalho realizado.

III - A INSPIRAÇÃO DE PAULO FREIRE:

REFERENCIAL TEÓRICO DEFINITIVO

3.1 - O HUMANISTA

A obra de Paulo Freire oferece o referencial teórico básico inspirador deste trabalho.

Freire (1987) propõe mudança do ensino através da pedagogia libertadora, necessária ao crescimento cultural do indivíduo, uma vez que o homem é um ser social, incapaz de sobreviver na solidão. Entende-se que o ensino libertador deva ser uma pedagogia forjada com o indivíduo, e não para ele, pois “não há educação fora das sociedades humanas e não há homem no vazio”. (FREIRE, 1997, p. 35). É o que Freire denomina de pedagogia do oprimido: a educação atuando sobre a realidade social para transformá-la, através do entendimento da educação como pilar principal no processo de

despertar para a consciência crítica. Isto ocorre quando o oprimido, a exemplo do opressor, começa a reconhecer sua própria dignidade.

A pedagogia do oprimido é criada para combater a pedagogia dominante em sociedades que a dinâmica cultural conduz à dominação de consciência, que caracteriza-se pela sectarização do educador e do educando. Aos educadores sectários, o autor rebate com a necessidade da radicalização para atingir a libertação, teoria contrária, portanto, à intransigência que busca a manutenção do poder. *“Não são raros os revolucionários que se tornam reacionários pela sectarização em que se deixam cair, ao responder à sectarização direitista”*. (FREIRE, 1987:25).

Os educadores que utilizam a metástase discursiva em seus ensinamentos são apenas replicadores das teorias dos dominadores, que a utilizam desumanamente para fazer o ser menos⁵.

À dificuldade que encontramos no meio acadêmico para a prática da libertação, que é a tomada de consciência do educador e do educando do seu papel na sociedade, valores e compromissos no contexto social, e o uso da pedagogia do oprimido, o autor nos revela o fato do educador, quando oprimido, hospedar também o opressor em si, impossibilitando-o, assim, de participar da elaboração de uma pedagogia libertadora. Segundo Freire, este é o grande problema da educação, pois somente quando enxerga esta dualidade, o educador transcende da opressão e inicia o processo libertador.

Outro aspecto importante é a identificação do oprimido com o opressor. Significa que, a busca de sua libertação se dá através da admiração ao opressor, caindo

⁵ Paulo Freire observa que no relacionamento do opressor com o oprimido, o primeiro considera o semelhante como ser inferior, e as tentativas de libertação deste “ser menos” são simplesmente a aderência a estas práticas

na armadilha de tentar parecer-se com ele. Neste caso, temos apenas o surgimento do novo opressor. “*A sua aderência ao opressor não lhes possibilita a consciência de si como pessoa, nem a consciência de classe oprimida*”.(FREIRE, 1987:33).

3.2 A CONCEPÇÃO BANCÁRIA DA EDUCAÇÃO COMO INSTRUMENTO DA OPRESSÃO

Para entendermos melhor a concepção bancária da educação, que é uma forma sonolenta e estática, de replicação, analisaremos, o sujeito – o narrador – e objetos pacientes, ouvintes – os educandos.

Nessa narração, afirma Freire, a tônica da educação é narrar, sempre narrar, e esta narração fala da realidade como algo parado, estático, completamente alheio à realidade do educando.

É uma narração desconectada da experiência existencial dos educandos; a palavra se esvazia da dimensão concreta e se transforma apenas em sonoridade.

Essa narração conduz à memorização mecânica e sem sentido, com fragmentos da realidade do educador que transforma os educandos em “recipientes”, e os vai enchendo com esses fragmentos da realidade do educador sem nenhuma lógica do conteúdo narrado.

Quanto mais consegue encher os “recipientes” com seus “depósitos”, afirma Freire, melhor será o educador, evidentemente, se os “recipientes” deixarem-se gentilmente encher; tanto maior será a qualidade do educando quanto mais dócil ele for.

Esse sistema, que tende a se perpetuar com a maioria dos educadores, inibe o pensamento crítico e a produção de conhecimento, pois não passa do ato de tentar impor conhecimentos e valores, reflexos da sociedade opressora.

Ainda segundo Freire, citando Simone Beauvoir, o objetivo dos opressores é transformar a mentalidade dos oprimidos e não a situação que os oprime.(FREIRE, 1987:57), ou seja, os educandos são adaptados à realidade, sem o conhecimento que possa modificá-la, pois seu aprendizado é feito de forma a aceitá-la.

Veja-se a citação seguinte em que o autor expressa a riqueza e atualidade de seu pensamento crítico:

“Nada ou quase nada existe em nossa educação, que desenvolva no nosso estudante o gosto da pesquisa, da constatação, da revisão dos achados – o que implicaria no desenvolvimento da consciência transitivo-crítica. Pelo contrário, a sua perigosa superposição à realidade intensifica no nosso estudante a consciência ingênua. A própria posição da nossa escola, de modo geral acalentada ela mesma pela sonoridade da palavra, pela memorização dos trechos, pela desvinculação da realidade, pela tendência de reduzir os meios de aprendizagem às formas meramente nacionais, já é uma posição caracteristicamente ingênua.”⁶

Percebe-se, portanto, nesta revisão sintética da obra Paulo Freiriana, que a questão de valores assume papel central nas discussões sobre a passagem de comportamentos tradicionais para inovadores no campo da educação.

Por isso mesmo é que a substituição de fórmulas da educação bancária por libertária requer a reconstrução de sistemas elitistas de valores baseados em autoridade, repetição e competição por outros alicerçados na liberdade e na solidariedade conforme obras e pensamento de Bakunin, Kropotkin, Ricardo Mella, Paul Robin e Sebastien Faure. (1989).

⁶ FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 23 ed. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1999. p. 102-103.

IV - APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo apresentaremos os dados coletados através das entrevistas seguidas de comentários pertinentes.

Vale a pena ressaltar, embora possa parecer a princípio deslocado, que nas falas dos atores sujeitos da pesquisa, três pontos de vista aparecem com frequência e intensidade. Como exemplos de educação que replicam o modelo autoritário, repressivo e competitivo reproduzimos abaixo, algumas das frases dos autores sujeitos a pesquisa:

4.1 - DIRIGENTES

1. O Sr. está satisfeito com seu corpo docente? Qual perfil o Sr. julga ideal?

Objetivo: Verificar a instituição de ensino como facilitadora e incentivadora de mudanças.

1. Não. Acho que os professores devem buscar trabalhar com maior autonomia.
i) “Muitos não utilizam adequadamente a autonomia recebida e deixam de resolver juntamente com a turma os problemas que eles (alunos e professor) geraram”. Como um dirigente pode intervir num problema gerado na relação aluno-professor. Muitas vezes os próprios professores, por comodismo empurram o dirigente para que este solucione o problema.

Um trabalho de ensino-aprendizagem deve ser desenvolvido em parceria aluno e professor. O professor que na solução do problema do aluno afirma a este aluno que vai conversar com o dirigente para resolver o problema da relação citada deixa transparecer para o aluno que não possui autonomia. ii) “É importante destacar que cada instituição tem suas regras e normas e estas devem ser seguidas. Estas regras, na maioria das instituições permitem grande autonomia de trabalho aos professores que por insegurança preferem não utilizarem desta autonomia “.

Enfim, o professor deve ter um perfil mais ousado e mesmo quando este for um professor que solucione os problemas dos alunos recorrendo pouco aos dirigentes que assumam este posicionamento.

Comentário:

Na maioria das vezes, pude observar que educadores não ousam, não se impõe, transferindo para a direção da escola assuntos que devem ser tratados com os educandos. Um educador consciente, com conhecimento de sua disciplina, provocador, inquietante, ocupa o seu espaço naturalmente. Acreditamos que a instituição de ensino pode oprimir, mas não é de forma alguma o principal agente opressor.

O comportamento dos educadores que não inovam, não assumem riscos, não se atualizam nem interagem com seus educandos, o leva a perder a autonomia, por si mesmo, caracterizando o medo, amplamente discutido por Freire. Neste ponto, me parece, que a queixa do dirigente é o medo dos professores de assumirem riscos. A autonomia sendo rejeitada pelo educador compromete a educação como um todo. Aqui o opressor se identifica com o oprimido, mas não entende o processo libertador, incapacitando-o para a mudança. Talvez porque busque com os dirigentes, (daí o desconforto do dirigente com seu próprio quadro docente), apenas apoio para suas técnicas replicadoras e opressoras. Isto significa que o medo também se instala no opressor, porém de uma maneira diferente da dos oprimidos. No oprimido é o medo de assumir a liberdade, e no opressor é o medo puro e simples de perder a liberdade de oprimir. (FREIRE, 1987: 33). *“Desconfiar dos homens oprimidos, não é, propriamente, desconfiar deles enquanto homens, mas desconfiar do opressor hospedado nele”*.(FREIRE, 1987, 169).

2. O que é mais importante na avaliação do docente?

Objetivo: Identificar os pontos que os dirigentes julgam ser importantes do educador possuir.

2. *A dita autonomia citada acompanhada com capacitação para a disciplina lecionada.*

Comentário:

Acrescentaria aqui a necessidade da capacitação pedagógica, já que não basta o domínio de conhecimentos específicos, mas há a necessidade de compreender a essência do processo ensino-aprendizagem.

3. Quais as estratégias que o Sr. gostaria de aplicar e não consegue? Por quê?

Objetivo: Identificar as principais resistências dos educadores

3. *A estratégia de dar possibilidade ao professor de agirem com maior autonomia e também a estratégia de ação interdisciplinar dos professores.*

A primeira iii) “Não consigo aplicar devido ao temor do professor de estar indo de encontro com a instituição”. Já a Segunda se deve a falta de tempo para reuniões do corpo docente.

Comentário:

A dificuldade da interdisciplinaridade está no entendimento e a característica de cada educador.

Em nossa própria experiência, tentamos um trabalho desta forma, e na realidade conseguimos pouca adesão. Por falta de tempo dos educadores, por não admitir mudanças em suas práticas, ou por descomprometimento mesmo.

Nos pequenos trabalhos interdisciplinares que iniciamos, observamos um resultado excelente no que diz respeito ao crescimento mútuo, educadores e educandos.

A interdisciplinaridade independe de reuniões com dirigentes. Ela deveria partir de educadores comprometidos com o ensino.

4.2 - DOCENTES

Das 14 entrevistas solicitadas aos educadores, somente quatro contribuíram com a descrição do seu entendimento e práticas pedagógicas aplicadas.

Portanto, mais de dez professores se recusaram a participar desta entrevista, e podemos afirmar com alguma probabilidade de erro, que o perfil deles, pela omissão de participar de um trabalho de seu interesse, pode ser traçado a partir da maioria dos problemas abordados neste trabalho; autoritarismo, replicação, medo e autonomia.

Objetivos das entrevistas com os docentes:

- Identificar quais as dificuldades de promover o pensamento crítico no ensino do III grau.
- Analisar até que ponto, docentes e dirigentes de instituições de ensino superior pretendem realmente sair da metástase discursiva para a ação.
- Verificar se o educador, quando opressor e oprimido, pode cumprir o seu papel de incentivador da libertação e detectar as necessidades do ensino dialógico e pesquisador.
- Identificar as estratégias e táticas, utilizadas, capazes de minimizar o problema e promover realmente a mudança.

1. O Sr. está satisfeito com sua prática pedagógica na sala de aula? Por que?

Educador A

1. Sim. A experiência na sala de aula é sem dúvida uma oportunidade de aprendizado entre educador e aluno. Tenho tido satisfação em desenvolver um trabalho voltado a pesquisa e ao pensamento crítico do aluno

Educador B

1. Sim, porém busco melhorar sempre desenvolvendo novas práticas pedagógicas que possibilitem tornar o ensino da minha disciplina (no momento estou lecionando Teoria da Administração) mais prático. Busco desenvolver atividades que possibilitem o aluno a perceber o motivo da teoria. Vejo que os alunos respondem muito bem a este tipo de atividade. Por outro lado nunca deixo de passar todo o conteúdo teórico que é fundamental para o entendimento da atividade desenvolvida.

Educador C

1. Sim. Muito embora reconheça algumas limitações que sem dúvida podem ser melhoradas. Cito como exemplo a necessidade de maior aproximação entre o universo teórico com a realidade de (as) empresas.

Comentário:

Não há nenhum entendimento das praticas pedagógicas, pelo educador. Existe um pensamento distorcido do ensino-aprendizagem, pois não há uma aproximação entre o universo teórico e a realidade; isto é a mais pura replicação. Entendemos que o

trabalho do educador é exatamente promover o pensamento crítico para mudar a realidade.

Educador D

1. *Não. Penso que a sala de aula é uma prática constante de aprendizagem. Isso gera insatisfação porque sempre se pode fazer mais e melhor. Lidamos com pessoas e como as pessoas são diferentes, cada turma, no seu conjunto, é um manancial de ensinamentos.*

2. **Quais as dificuldades mais comuns que o Sr. encontra para desenvolver o ensino-aprendizagem?**

Educador A

2. *Em primeiro lugar é necessário que entendamos que os problemas existentes no curso de terceiro grau, são oriundos do ensino fundamental e médio. Em segundo as dificuldades existem face a base ser fraca e também pela mudança social existente no Brasil de hoje, devido a grande liberdade sem compromisso vivida em nossa sociedade. Portanto as dificuldades possuem origens bem nítidas e cabe a habilidade psicológica do educador para que não permita que essas dificuldades atrapalhem sua tarefa de facilitador.*

Educador B

2. *Falta de interesse de alguns alunos, o que leva à menor participação da turma e a um menor rendimento das aulas. Muitas vezes uma mesma aula se torna muito produtiva e dinâmica numa turma e pouco em outra*

Educador C

2. *A resistência do aluno em estudar teoria. Eles não lêem.*

Comentário:

Isso é o óbvio. Em uma das entrevistas, o educando responde exatamente sobre esta dificuldade: **precisa aprender a gostar de ler**. Entendemos que a teoria deva ser tratada após a compreensão da realidade do educando, sob uma forma crítica.

Educador D

2. *A resistência do aluno ao trabalho crítico. iv) “Como a escola não oferece condições de desenvolver o pensamento”, o aluno chega ao 3o.grau com graves problemas de coerência. Assim se o pensamento lógico não foi construído desde cedo, o ensino-aprendizagem na fase adulta encontra reais dificuldades tanto para o aluno quanto para o professor.*

3. **Que tecnologia/ inovações o Sr. aplica para minimizar suas dificuldades?**

Educador A

3. *Não existe educação sem pensamento crítico, e a pesquisa é a única forma de pedagogicamente criar no aluno esse pensamento. Seja utilizando a tecnologia disponível, seja pesquisando em livros, jornais ou revistas, o fundamental é o pensamento crítico, que irá promover realmente uma mudança no aprendizado.*

Educador B

3. *Busco variar bastante no uso de recursos didáticos pois acredito que o desinteresse surge principalmente pela rotina didática, pela repetição da mesma metodologia de ensino. Normalmente utilizo de aulas expositivas intercaladas com aulas práticas, exibição de filmes e seminários desenvolvidos pelos alunos.*

Utilizo também estudos de casos, mas sempre com bastante movimentação (troca de grupos) entre os alunos.

No caso dos filmes busco utilizar filmes comerciais que possibilitem passar o conteúdo da disciplina. Normalmente, estes filmes são mais reais e geram bons debates. Os filmes pedagógicos são muito focados e podem se tornar uma repetição do conteúdo lecionado na aula expositiva, mas dependendo da fita também as utilizo.

Uma aula prática que desenvolvo na disciplina de Teoria da Administração é a montagem de pequenas bicicletas, como numa fábrica em grupos e depois utilizando o conceito de divisão de trabalho taylorista. Todos participam e a teoria é vista na prática.

Educador C

3. *O uso de retro-projetores (transparências) filmes, recursos variados.*

Comentário:

Continua o ensino replicador, jesuítico, tradicional sem inovação, portanto sem preocupação com o crescimento de todos os participantes do processo educacional.

Educador D

Continua o ensino replicador, jesuítico, tradicional sem inovação, portanto sem preocupação com o crescimento de todos os participantes do processo educacional.

Educador D

3. *Percebo que técnicas antigas ainda podem ser muito atuais, dependendo da leitura que se faça em sala de aula. Por isso, aplico técnicas que a situação exigir. Essas técnicas tanto podem ser “inovadoras” quanto “rebatidas”. v) “Penso que pessoas gostam mais de fazer aquilo que já conhecem”.*

4. **De que maneira o Sr. reconhece e trata a excelência de conhecimento do aluno? e o oposto?**

Educador A

4. *O aprendizado é uma estrada sem fim, por isso constantemente estamos aprendendo e reconhecer que houve aprendizado é reconhecer que existe participação. Quando há interação entre aluno e professor através da troca do conhecimento existente entre um e outro é possível se verificar a sua existência. É preciso deixar de lado as aulas copiadas e fazê-las mais participativas, integrando a teoria das matérias com a realidade dos alunos.*

Educador B

4. *De forma objetiva. A sistemática de avaliação que adoto normalmente segue um percentual de 40% de provas escritas, 30% de atividades práticas e/ou seminários e 40% de participação em sala de aula ou fora da sala de aula.*

Os alunos também avaliam o professor através de formulários e há debates em sala de aula para chegar a um consenso onde o professor e alunos devem melhorar.

excelência para cada professor portanto, eu acho que melhor do que inventar moda é fazer bem o que se sabe e buscar a melhoria sempre.

Educador C

4. *É sempre muito bem vindo o interesse e conhecimento do aluno. Acho que cresce. No que se refere ao oposto procuro ajuda-lo a alcançar o raciocínio lógico.*

Comentário:

Na prática, o educador tem dificuldades em trabalhar com a excelência do conhecimento do aluno e seu oposto. Isto significa que a “docilidade” dos educandos é fator preponderante para o ensino bancário. Quando existe críticas, questionamentos ou o oposto, o educador procurar adestrar seus educandos.

Educador D

4. *Com respeito e admiração. Procuro aprender com os dois lados da moeda, embora como ser humano nem sempre consiga alcançar, na prática, os objetivos que persigo. O exercício da aprendizagem é muito doloroso e deve ser praticado todos os dias.*

5. **De que maneira a sua prática em sala de aula promove o crescimento mútuo abordado por Paulo Freire em sua obra Pedagogia do Oprimido?**

Educador A

5. *Não li o livro.*

Educador B

5. *Se ambos participam do processo de ensino-aprendizagem e da avaliação acredito que tanto aluno quanto professor estejam crescendo com este processo. Desejo destacar que nos seminários desenvolvidos pelos alunos em sala de aula, os próprios colegas avaliam o grupo que apresenta. Este tipo de avaliação inicialmente foi muito bem aceito pelos alunos, mas estranhamente gerou disputa e vinganças entre alguns deles que ao receberem uma avaliação negativa (de regular para baixo) devolveu na mesma moeda. Portanto, avaliar não é fácil e envolver no processo os alunos também é muito complicado.*

Obs. Não sei lhe afirmar se tal ação está de acordo com o que afirma Paulo Freire pois desconheço a obra.

Educador C

5. *Entendo que o papel do professor vai além de simplesmente passar conteúdos acadêmicos. Neste sentido a preparação de indivíduos para a vida, enquanto cidadãos capazes de criticar, se estabelecer é fundamental*

Comentário:

Aí está a diferença do discurso para a ação. Questionamos, preparar o indivíduo para a vida, ou preparar a vida para ele? Este é o mais puro sentido da libertação. A transformação do mundo, não uma simples adaptação do indivíduo

Parafraseando os ingleses, a grande diferença entre os homens, são os que fazem chover e os que se preparam para trabalhar no serviço meteorológico, apenas fazendo previsões do tempo.

Educador D

5. *Não sei muito bem. Talvez com amor. Amor no sentido amplo da palavra, envolvendo a profissão e, fundamentalmente, o “Outro”. Também com responsabilidade, consciente das implicações que a formação envolve.*

6. **De que maneira é tratado, em sua sala de aula, o desinteresse dos alunos que gera a indisciplina?**

Educador A

6. *Acredito que a indisciplina é gerada por diversos motivos. Talvez pela própria falta de opção que o aluno tenha feito, talvez pela base familiar, talvez pela questão do próprio ensino como já comentei anteriormente. Tratar a indisciplina faz parte da psicologia pedagógica é preciso ter autoridade e não ser autoritário, o respeito mútuo aos poucos vai permitindo a melhor comunicação entre o professor e o aluno.*

Educador B

6. *Utilizando as regras condensadas nos primeiros dias de aula com os próprios alunos. Além disso, percebo que com o decorrer das aulas e com as técnicas didático-pedagógicas adotadas os desinteressados vão aos poucos se interessando e os que não se interessam por motivos de falta de vocação, ou outro qualquer abandonam.*

A manutenção da disciplina é realizada pela própria turma que começa a rejeitar os alunos que atrapalham.

Educador C

6. *“A vontade é incoercível”. Se o aluno não se posiciona de forma responsável em sala, é desinteressado, só resta convidá-lo a retirar-se de sala para não prejudicar os demais, que estejam interessados.*

Comentário:

Foi a partir de observações deste tipo que gerou o meu interesse neste estudo. Observamos a incoerência do educador com esta resposta, pois se ele trata o oposto da excelência com o diálogo, conclui-se que o diálogo se transforma em um monólogo, oprimindo cada vez mais através de um autoritarismo incomensurável.

Educador D

6. *Com diálogo franco, numa tentativa constante de despertar o interesse dos indisciplinados e manter o interesse de quem está disposto a enfrentar o desafio. Às vezes me enervo, reclamo, brigo. Mas no instante seguinte reflito sobre a escolha que fiz, repenso minhas atitudes e volto a perseguir minhas metas com o mesmo entusiasmo de antes.*

Comentário:

Identificamos aqui um entendimento das práticas pedagógicas que promovem a crescimento educador/educando. Despertar o interesse, impor limites, diálogo franco, comprometimento com a educação; é o mínimo que o educador precisa ter.

Este pensamento promove um trabalho coerente, onde o educador se dispõe a aprender, rever seus conceitos, atualizar e modernizar sua interação e integração com os educandos. O aprendizado requer mudanças constantes.

A complexidade deste trabalho envolve muito mais do que o pensamento, uma vez que o crescimento necessita da ação. A esta combinação de pensamento e ação, Freire trata como Práxis.

As grandes rupturas do ensino estão baseadas na práxis distorcida, impedindo o desenvolvimento dos educandos, fragmento da realidade do educador.

4.3 - DISCENTES

1. Como você gostaria que fossem suas aulas?
2. que mais dificulta sua aprendizagem?
3. Quais os motivos que geram a indisciplina na sala de aula?
4. que você espera do seu curso superior?
5. Outras considerações, que você julga, relevantes.

Os objetivos destas questões são:

- a) Identificar o entendimento dos educandos sobre o ensino aplicado
- b) Fatores de dificuldade do aprendizado
- c) Identificar a expectativa do educando e seus objetivos quanto ao curso escolhido.

Educando A

1. *Gostaria que fossem mais objetivas, isto é, bem dentro da realidade e de forma mais prática.*
2. *A falta de recursos em sala de aula e o desrespeito dos alunos com o professor.*

3. *professor deve saber chamara atenção dos alunos usar tática para prender a atenção dos mesmos.*
4. *Espero que quando eu terminar me sinta orgulhosa do curso que eu escolhi, e não me sinta lesada em relação a ele, que eu não precise aprender tudo na prática como se nunca tivesse feito curso algum.*

Educando B

1. *Gostaria que fossem mais práticas ,aquelas que são possíveis, pois assim o aluno não fica entediado, e sim, aprende mais rápido e com maior facilidade, além disso permite uma maior fixação da matéria estudada.*
2. *Aulas só teóricas e conversas paralelas que dificultam a minha concentração na aula.*
3. *Creio eu, que seja a falta de interesse que o próprio aluno tenha pela matéria ou curso, que está na sala de aula apenas a “passeio”. Outro fator que colabora é o fato do professor não ter controle sobre a turma.*
4. *Espero concluir com êxito, sair da sala de aula preparada para o mercado de trabalho. Não quero ser mais uma com o diploma na mão, sem ter conteúdo para desempenhar um bom trabalho na minha área.*

Educando C

1. *Mais dinâmicas, pois o ensino superior anda muito sem ênfase na área prática. Acredito que com um pouco mais de praticidade nas matérias fica mais fácil de se conseguir uma melhor formação profissional.*

2. *O excesso de conteúdo dado em tempo que não é compatível com o aprendizado concreto das matérias, falta de materiais que promovessem uma melhor compreensão das matérias.*
3. *Na maioria das vezes o desinteresse por parte do aluno, uma vez que o professor ali se encontra para aplicar a matéria e dirimir dúvidas oriundas do estudo, outras vezes matérias que não fixam a atenção do aluno, outras às condições a que são aplicadas.*
4. *Um curso que possa proporcionar uma formação perfeita, aprimorando meus conhecimentos e me colocando em ótima condição para o trabalho de, forma eficaz e segura.*
5. *Acredito que se os cursos superiores tivessem maior dinamismo em suas atividades, melhor seriam as condições de aprendizagem, uma vez que tornaria mais direto o treinamento em nossas formações. Os cursos técnicos muitas vezes tomam conta do mercado de trabalho pelo simples motivo de colocarem seus alunos e futuros profissionais em campos de trabalho, aprimorando desde cedo a aprendizagem e conseguindo-lhes melhores colocações.*

Educando D

1. *Eu gostaria que as aulas fossem mais práticas, gostaria que a matéria fosse passada por e-mail, utiliza-se mais recursos multimídia na apresentação das aulas, gostaria que fossem dadas aulas fora da instituição.*
2. *O que mais dificulta no meu aprendizado são as influências de fatores emocionais que não estão ligados com a sala de aula.*

3. *A enorme tolerância dos professores sobre os alunos. Formação de grupos (“panelinhas”) de conversa nas salas.*
4. *Eu espero que o meu curso superior me habilite a trabalhar de forma correta e com conhecimento suficiente para lidar com os problemas da minha área.*
5. *É muito importante que meu curso superior seja bem avaliado no provão do MEC.*

Educando E

1. *Gostaria que minhas aulas fossem em uma sala que tivesse, ar condicionado para que não fosse preciso abrir janelas ou portas para que não fique com calor e principalmente os barulhos de fora de sala não atrapalhassem as aulas .
As aulas poderiam ser menos cansativas tendo uma pausa durante as aulas, quando as aulas fossem mais teóricas .*
2. *Na minha aprendizagem o que me atrapalha mesmo é barulho que existe dentro de sala e fora de sala.*
3. *Quando existe um desinteresse por parte de um aluno e acaba influenciando outros alunos e que por final acabam atrapalhando o desenvolvimento da aula.*
4. *Que me oriente tanto trazendo benefícios do meu trabalho quanto na minha vida pessoal.*

Educando F

1. *Por já possuir pequena experiência em informática, mas me colocando na posição de iniciante, não vejo motivos para alteração na didática aplicada até o prezado momento.*

2. *Se colocado de um ponto de vista interno, ou seja, uma visão para dentro da sala de aula, o que dificulta mais a aprendizagem é a liberdade concedida dentro da sala de aula, onde acaba atrapalhando a concentração de quem quer realmente aprender informática.*
3. *Fica difícil determinar motivos, muitos deles aparecem de acordo com o momento quantitativo da sala e não com o qualitativo, ou em virtude de fatos e acontecimentos gerados pelo convívio diário. (festas, shows, bares, etc...)*
4. *Espero não só obter dele melhor qualificação profissional, bem como, adquirir através dos períodos do curso, capacitação em todos os sentidos como universitário, me tornar uma pessoa mais culta, criativa, preparada para enfrentar as dificuldades da vida, tanto pessoal quanto profissional.*
5. *Outras considerações, que você julga, relevantes. Gostei de Ter participado deste questionário de forma simples e com relevante contribuição, e espero que esta possa auxiliar de alguma forma o referenciado professor.*

Educando G

1. *Dinâmicas, Práticas e Descontraídas.*
2. *Não conseguir me concentrar durante a aula (por cansaço, preocupações, conversa aleatórias e brincadeiras excessivas).*
3. *A falta de Respeito, a imaturidade e não ter um objetivo à seguir na Vida*
4. *Conseguir ser também um bom profissional nesta área nova que é o Turismo.*

Educando H

1. *As aulas poderiam ser realizadas mais na prática, pois iremos de aprender melhor.*

2. *Por quase não Ter um entendimento de informática sinto-me perdido em algumas agilidades e no geral falta mais incentivo próprio.*
3. *Não tenho como te responder esta pergunta.*
4. *Espero adquirir conhecimentos para usar como uma arma de trabalho.*
5. *Algumas das considerações relevantes é que o aluno de alguma forma obtenha motivações para seus estudos e sem deixar de falar para a vida.*

Educando I

1. *Não vejo a necessidade de mudança, tudo depende da interatividade do professor com a classe e da didática do mesmo. Quanto ao primeiro quesito, todos se saem muito bem, mas quanto ao segundo quesito, há necessidade de um melhoramento de alguns, principalmente em matérias mais teóricas.*
2. *A constante interrupção da aula efetuada pelo professor em virtude de distúrbios que ocorrem na sala de aula. Em aulas teóricas principalmente, qualquer coisa desvirtua a atenção e a concentração sobre o assunto que está em pauta.*
3. *A indisciplina pode ser gerada por “n” motivos, principalmente se o professor que está a frente deixar a coisa correr solta. Liberdade é uma coisa totalmente diferente de autoridade, e o que esta ocorrendo hoje nas salas de aula, é que determinados alunos se acham no direito de fazer o que quiser e na hora que quiser.*
4. *Espero que ele me traga em toda sua plenitude, o conhecimento e a capacitação para que possa ser um ótimo profissional, apto a exercer qualquer atribuição dispensada a minha especialização.*
5. *Precisamos um do outro, interagimos um pelo outro e somos muitas vezes retratos da vida como realmente ela é, pois um dia, o meu mestre estava sentado,*

literalmente falando, na mesma posição em que me encontro hoje, e amanhã, espero estar em pé na mesma posição ou acima da que ele se encontra hoje.

Educando J

- 1. As aulas poderiam ser mais objetivas com relação a conteúdo, não se prender muito a um mesmo tópico a não ser que haja dúvida por parte da turma. Tentar sempre associar o que está sendo ensinado com o cotidiano com exemplos reais. Mudar sempre que possível a forma do ensino, tentar deixar os alunos interagirem com o professor, aulas como debates, de acordo com a disciplina até mesmo vídeos (não só slides).*
- 2. A falta de didática e diálogo principalmente. Um professor que não ouve as dúvidas dos alunos ou não busca uma explicação inteligível dificulta bastante a aprendizagem.*
- 3. A falta de interesse por parte dos alunos pode ser por dificuldade em entender a matéria, falta de respeito ao professor (ou não imposição de respeito), pela própria falta de educação e a própria qualidade dos alunos que fazem parte da classe, como em muitas faculdades particulares é comum existirem aqueles que freqüentam apenas porque podem pagar.*
- 4. Espero poder além da formação no curso escolhido poder enxergar ao final do curso coisas que não conseguia ao entrar por ter uma visão limitada, considerando o curso de administração aspectos como possíveis falhas na administração para evita-las (muito visíveis agora no meu atual ambiente de trabalho).*
- 5. Um outro ponto que influencia no nível de aprendizado é o próprio ambiente de estudo, não só outros alunos e os professores mas também as salas, a limpeza e barulho externo.*

Educando L

1. *O conteúdo da disciplina de informática é chato e cansativo, portanto uma hora e cinquenta minutos tornam as aulas pesadas e até mesmo insuportáveis, as aulas de informática deveriam ter uma hora de duração, dessa forma os alunos conseguiriam ficar dentro da sala de aula. Ainda se o professor manter-se “circulando” por toda a classe consegue concentrar toda a atenção dos alunos para si.*
2. *Professor que fala baixo, mas principalmente alunos que fazem questão de interromper o professor para fazer perguntas que nada diz respeito ao conteúdo ,ainda brincadeiras fora de hora que alguns pensam estar descontraindo mas na verdade estão fugindo de algum assunto importante, onde acabam por dispersar até mesmo a concentração do professor que não passa determinada matéria e na hora da avaliação cobra a mesma deixando os alunos revoltados.*
3. *Os motivos que geram indisciplina dentro da sala de aula são basicamente os mesmos de alunos adolescentes de primeiro e segundo grau que se trata da necessidade de “aparecer” que existe em alguns alunos. O fato de parecer engraçado e diferente. Dessa forma alguns pensam estar conseguindo a admiração de colegas que em sua maioria por falta personalidade própria aderem a certas brincadeiras típicas de ensino médio. Os universitários precisam se conscientizar que não pertencem mais ao ensino médio e que agora é cada um cuidando de seu futuro ainda que o professor não tem motivos para ficar chamando a atenção de cada um para que percebam que estão construindo seu futuro ali dentro da sala de aula.*

4. *Espero Ter uma formação acadêmica que deixe-me preparada para sobreviver na esfera profissional de forma que consiga superar todas as barreiras. Não pretendo ser apenas mais uma com curso superior, pretendo fazer acontecer me sobressair sobre os demais. Portanto minha dedicação na faculdade será enorme até o final do curso, pois minha diferenciação sobre os demais começa dentro da mesma.*

Educando M

1. *Esta resposta é um pouco complicada, porque não sei se você se refere às aulas da disciplina Informática, ou todas as outras disciplinas também.*

Ser "Professor" é uma verdadeira "arte". Ser professor é ter domínio da matéria que ele escolheu para ensinar aos alunos; é acima de tudo amar o que faz. Não importa a didática que ele use, mas o que interessa é que ele consiga transmitir o conhecimento; muitos professores possuem carga altíssima de conhecimento, mas não descobriram ainda como passá-lo para os alunos. Cada aluno é um ser distinto, cada qual com sua capacidade de absorção de informações, por isso digo que ser professor é muito mais do que apenas transbordar a matéria ali da frente.

O professor não pode ser somente um professor, ele tem que ser o Mestre, até mesmo quando ensina Ciências Exatas e não Filosofia, ele tem que possuir o "Click" para perceber que está conseguindo realmente dar o seu recado, e bem dado. Muitos alunos apenas engolem, e não digerem com entrosamento a Disciplina. Aí que entra a arte que o mestre deve possuir, de captar, observar, e não só capitalizar (seus ganhos), porque, é claro não depende só dele, mas uma turma coeza, interessada, captada, resgatada pelo professor, com certeza, se ele tiver o dom de ser "O Professor", sentirá satisfação, sentirá prazer em saber, em sentir que

os seus conhecimentos estão sendo herdados, para talvez no futuro, transformar estes seus alunos em Mestres também.

A universidade precisa fazer uma escolha muito rigorosa do profissional que contratará. Isso é fundamental. Não adianta o cara ter trilhões de diplomas, se não conseguir dar seu recado, vai tudo por água abaixo.

2. *O que mais dificulta minha aprendizagem, em determinadas disciplinas é justamente o reflexo do que citei acima.*

Em algumas áreas (disciplinas) é uma maravilha, a motivação de estudar, de aprofundar os conhecimentos é tremenda. Há professores que realmente são muito bons, (e quando o aluno trás o reflexo de aulas bem dadas no passado tudo o torna mais ávido ao saber), porém professores há que não podem estar numa "cadeira" de faculdade e nem em "cadeira" nenhuma. Precisam primeiro aprender a ensinar. Poderiam ser talvez excelentes burocratas, estarem atrás de um "Bureau" de uma grande empresa, mas não numa sala de aula. Sala de aula é palco sagrado. É passado, é presente, é responsabilidade de um futuro melhor para este Brasil quase analfabeto.

3. *Tenho observado nestes meus anos de "Escola", coisas interessantes, alunos de todo porte de comportamento, e chego à conclusão de que realmente depende do professor a disciplina dentro da sala de aula. O professor tem que ter consciência da sua autonomia. Precisa ter jogo de cintura, para às vezes dominar uma turma, precisa cativar a atenção desta turma, caso contrário, se não houver uma hierarquia, e esta deve ser respeitada, só há duas coisas á fazer, ou o professor chuta o balde e vai embora, ou tenta mudar sua didática de ensino. O aluno precisa*

respeitar o fato de que ele não está sozinho na sala de aula, e muitos outros querem ou precisam estar ali.

- 4. Cada indivíduo tem sua razão especial e particular para estar no banco de uma faculdade. No meu caso, espero que este curso venha ampliar meus conhecimentos dentro da área que escolhi, que me ajude a alcançar objetivos profissionais e intelectuais por mim almejados. Espero que seja uma parceria interessante, pois como ser humano mereço o melhor, quero o melhor, escolhi o que acho o melhor, e juntos espero lutemos para que tudo no final de certo.*
- 5. Eu enquanto ser humano gostaria de repetir as palavras Charles Lamb, que há muito me impressionam, não no sentido de arrogância, mas no sentido de "poder" de "conquistar": "O homem é um animal jogador. Precisa sempre tentar conseguir ser o melhor em uma coisa ou outra.*

Educando N

- 1. Estou satisfeita com o método atual aplicado. Embora, um pouco mais de dinamismo tornariam as aulas mais atrativas, conseqüentemente mais participativas e produtivas.*
- 2. A falta de leitura(preciso aprender a gostar de ler) e as vezes a falta de concentração.*
- 3. Falta de interesses, principalmente dos mais jovens, que acham que podem tudo, e esquecem que estão vivendo num mundo cada vez mais competitivo e que só consegue vencer o melhor. Também, a liberdade concedida em sala de aula para que as mesmas sejam mais participativas é confundida com libertinagem.*

4. *Espero um melhor e maior conhecimento teórico e principalmente prático, para eu poder competir e alcançar os meus objetivos.*
5. *A exemplo do curso de Marketing, uma maior abordagem desde o primeiro período, pois iria incentivar os alunos que ingressam no curso com o objetivo de estudar Marketing.*

Educando O

1. *Gostaria que minhas aulas fossem mais proveitosas, sobretudo na participação dos colegas, com uma dinâmica de monitoramento mais apurada dos professores em relação à turma, tendo em vista que nem todos os que estão em sala assimilam de uma mesma forma o que é passado, nem possuem facilidade de expressão, como uma minoria.*
2. *Um aspecto que dificulta o aprendizado é o tempo em que as pessoas ficam sem estudar, no meu caso mais de dez anos, assuntos e matérias nunca antes vistos são assimilados com mais dificuldade. Outro é a bagunça que muitas vezes acontece em sala de aula, os professores não têm controle ou preferem ignorar a situação, pois muitas vezes não são reconhecidos como autoridades em sala de aula. Creio que o aluno universitário não é obrigado a assistir as aulas, porém não pode atrapalhar àqueles que estão dispostos a participar e aprender, pagando pela prestação do serviço educacional.*
3. *A indisciplina é causada por vários fatores: problemas de convivência no lar, no trabalho ou mesmo na sala de aula; falta de apoio, de uma palavra amiga àqueles que estão passando por dificuldades; pessoas são levadas pelo inconsciente*

coletivo; falta de medidas cabíveis para controle da turma por parte dos professores.

4. *Espero obter subsídios para concorrer no competitivo mercado globalizado, alcançar metas traçadas, e principalmente aprender pois nós seres humanos vivemos aprendendo, contudo morremos sem aprender o que verdadeiramente deveríamos aprender.*

Educando P

1. *Com um pouco mais de ajuda dos alunos, não como nas nossas aulas onde ninguém se preocupa em aprender, apenas a passar de ano.*
2. *Conversa paralela me desvia facilmente o raciocínio, e como já foi dito essa conversa já faz parte da nossa sala de aula.*
3. *A infantilidade da maioria dos alunos*
4. *Espero que seja de muito aprendizado, porém já estou um pouco desacreditada pois até hoje matemática poucos de nós sabem alguma coisa.*
5. *Acho que as faculdade deveriam fazer uma consulta do curriculum de seus mestre mais detalhadas, como por exemplo em nossa faculdade pois é o nome de nossa faculdade que está em jogo.*

Comentários:

Embora repetitivo e sobejamente conhecidos por professores e dirigentes de instituição, as observações dos alunos refletem o tradicionalismo, a mesmice e a perpetuação de práticas pedagógicas anacrônicas e obsoletas. As práticas educacionais

carecem de maior dinamismo e utilização de modernas técnicas de ensino, além de requererem definição mais clara da aprendizagem para que os educandos possam estabelecer melhor suas expectativas quanto à conclusão do curso e mercado de trabalho.

Os alunos devem ser mais bem orientados a respeito do próprio curso universitário, com a aplicação de palestras de profissionais atuantes na área, com a finalidade de conscientizar sobre atuação dos profissionais no mercado e apontar melhores perspectivas de trabalho.

Dentre outros comentários, pode-se observar nas entrevistas críticas contundentes a:

- Ausência de ponte necessária entre teoria e prática, contribuindo para afastar a sala de aula da realidade vivenciada pelo aluno;
- Presença de autoritarismo na relação docente-discente;
- Desinteresse demonstrado por professores por sua atuação;
- Desqualificação do docente, principalmente no que se refere a entendimento mais criativo e inovador do papel do educador;
- Necessidade de ação dialógica para promover a parceria do professor como condutor do processo.
- A indisciplina e a intolerância devem ser combatidas através da ação do educador que muitas vezes parece ignorar ou desconhece a sua responsabilidade social. A autoridade deve ser reconhecida através de regras claras e estabelecidas, quando seria estipulado o papel do educador e do educando.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essas considerações finais baseiam-se na vivência do próprio autor, conforme explicitadas anteriormente e nos dados obtidos de docentes e discentes.

Chamamos a atenção dos educadores para algumas questões básicas apontadas na pesquisa de campo e inspiradas na obra de Paulo Freire.

A despeito de que existe preocupação do Governo, através do Ministério da Cultura, com a qualidade de ensino e a evolução da educação do país, há necessidade de reconstrução urgente de valores, que pode começar de forma simples e sem sofisticação, através de iniciativas no cotidiano escolar como elaboração de ementas compatíveis com a realidade; preparação de programas e planos de aula mais interativos com as necessidades dos alunos; definição clara de estratégias, táticas e ações maximizadoras do ensino-aprendizagem por parte das instituições educacionais, conforme os dados coletados

Aos educadores cabe sair da cômoda condição de manter apenas o “status-quo” da acomodação implícita onde se escondem o medo e a negação à liberdade, valores perpetuados através de sistema educacional elitista repassados ininterruptamente, como se pode inferir do conteúdo do capítulo III do presente trabalho.

Entende-se, também, que liberdade, é a conscientização que possibilita mudanças e desperta a crítica, enquanto reconstrutora e questionadora, inserindo e

ajudando o homem na busca de seu próprio entendimento e existência, transformando-o em sujeito de sua própria história e, portanto, capacitando-o a contribuir para transformação social.

Constata-se que, incentivando a liberdade, o educador passa a ser o próprio objeto da crítica e do questionamento, o que seria o início de profunda mudança social.

Portanto, o medo da liberdade pode cegar o educador, levando-o a ver somente o que não existe e a ensinar através de uma pedagogia arcaica, “jesuítica”.

“Raro, porém, é o que manifesta explicitamente este receio da liberdade. Sua tendência é, antes, camufla-la, num jogo manhoso, ainda que às vezes, inconsciente. Jogo artificioso de palavras em que aparece ou pretende aparecer como o que defende a liberdade e não como o que a teme”.(FREIRE, Paulo, **Pedagogia do Oprimido**. 17. Ed. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1987. p. 24.)

Entendemos que o principal objetivo da educação deveria ser promover a construção da personalidade social, através de uma pedagogia libertadora promovendo o “aprender a aprender” contínuo, tanto dos educandos quanto dos educadores. Porém, não é isto o que acontece nas universidades e faculdades, limitadas, hoje, ao conjunto de professores, salas, laboratórios e bibliotecas. Conjunto arquitetônico distorcido, onde o educador é o centro das atenções, privilegiando a autoridade formal através de um tumultuado arranjo de cadeiras, coibindo a interação dos educandos, que facilitaria o desenvolvimento para resolução de problemas.

Deveria ser, sim, um conjunto, de relações sociais e humanas, com proposta sólida de crescimento cultural, envolvida com a formação de pesquisadores e educadores.

Somente desta forma, entendemos a capacidade de promover mudanças na realidade hoje existente, buscando promover o bem estar e a diminuição da

desigualdade sócio-econômica no Brasil, um dos piores índices do mundo. Por outro lado, com a manutenção do modelo existente continuaremos lecionando teorias e mais teorias, fragmentos que não servem absolutamente para nada, inibindo, assim, a capacidade criadora dos educandos, oferecendo a eles a mínima, ou nenhuma, condição de crescimento intelectual para promoverem mudanças.

Como todo esforço intelectual, este não é definitivo. Várias questões deixaram de ser comentadas, já que discutir Educação exige abordagem mais abrangente do que se pretendeu e se realizou.

Fica, porém, a mensagem básica: É preciso que nós, educadores, dirigentes e até mesmo os alunos, revejam seus valores e conceitos catalisadores de sua atuação na Universidade.

REFERÊNCIAS

D'ANTOLA, Arlette. (Org.) **Disciplina na escola: autoridade versus autoritarismo**. São Paulo : EPU, 1989.

DEMO, Pedro. **Pesquisa: princípio científico e educativo**. 7. ed. São Paulo : Cortez, 2000.

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. 15. ed. São Paulo : Editora Perspectiva, 1999.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 23. ed. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1999.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 15. ed. São Paulo : Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo : Editora UNESP, 2000.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1987.

MORIYON, F.G. (Org.). **Educação Libertária./Bakunin e Outros**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.